The background features several decorative elements: a large red vertical bar on the left, a horizontal red line above the title, a red dotted line at the top right, a red dotted line at the bottom left, and various small black and red squares and lines scattered throughout.

Aula 04:

A teoria do valor em Marx e a educação

Economia Política

Economia política é a ciência que estuda as relações sociais de produção, circulação e distribuição de bens materiais - o que inclui mercadorias - que visam atender as necessidades humanas, identificando as leis que regem tais relações.

É **política** porque surge a partir das reflexões sobre **Estado** e **exercício de governo**. (*Estado é diferente de governo*).

Com a **revolução marginalista**, no final do século XIX, o termo **Economia Política** foi paulatinamente trocado pelo termo **economia**, usado por aqueles que buscavam reduzi-la ao enfoque matemático e axiomático, que concebiam **o valor na utilidade que o bem proporciona ao indivíduo**.

Adam Smith revoluciona a Economia Política ao propor a teoria do valor-trabalho.

Economia Política

Liberalismo: Fundador - **Adam Smith** (1723-1790), influenciado por William Petty, David Hume, François Quesnay, entre outros.

“*A riqueza das nações*” (1776)

Tese: existe uma tendência humana natural e espontânea à troca, que confere à produção de mercadorias (e ao capitalismo) uma existência também “natural”.

Vantagens pessoais > divisão do trabalho (cooperação) > concorrência = **prosperidade.**

Mão invisível = Virtuosismo (do mercado) = Lei do Equilíbrio.

O Estado pode e deve intervir, mas desde que não rompa a Lei do Equilíbrio.

Economia Política

Lógica smithiana:

Interesse pessoal > maximização dos benefícios dos indivíduos / agentes econômicos > supostos fundamentos “naturais” do capitalismo

Bentham (1748-1832) e Say (1762-1832) reiteram a conotação natural e a-histórica ao capitalismo.

Valor de uso é sensorial > lucro é um prêmio – até mesmo moral (abstinência) – originado na austeridade e no trabalho > não há crises para além de turbulências passageiras > capitalismo tende sempre ao equilíbrio.

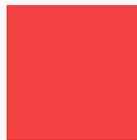
Economia Política

Herdeiros de Adam Smith:



David Ricardo

(1772-1823)



Thomas Malthus

(1766-1834)



John Stuart Mill

(1806-1873)

Tarefa: desvendar a natureza triunfante do capitalismo.



Economia Política

10 tarefas empíricas/analíticas do liberalismo:

1. A definição do valor-trabalho;
2. Desvendar o enigma das trocas;
3. Proporcionar explicação para os salários;
4. Desvendar os lucros, a renda da terra e os juros;
5. Explicar o significado da moeda e do crédito;
6. Entender a acumulação capitalista;
7. Sugerir políticas de tributação;
8. Apontar políticas de intervenção estatal;
9. Discutir as relações entre classes sociais;
10. Identificar transformações estruturais do capitalismo.

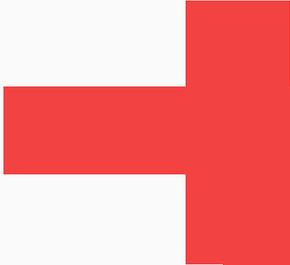
O caso do liberalismo

01

Karl Marx (1818-1883): capitalismo não é natural, é fruto de relações sociais. Capitalismo é histórico. E o capitalismo é uma forma de exploração da força de trabalho.

02

Teoria marginalista: economia é uma ciência e deve ter objeto definido – o “homem econômico racional”. Extrai a Economia da Economia Política.



“Todo começo é difícil em qualquer ciência.”

Frase do Prefácio da 1ª Edição de “O Capital: crítica da economia política”
(MARX, 2014, p. 15).

Referência da apresentação:

CARA, Daniel. O fenômeno de descumprimento do Plano Nacional de Educação.
Tese de Doutorado. Faculdade de Educação – USP, 2019, pp 35-38.

— **Karl Marx**



Marx e a Economia Política

“Nota da edição francesa” à “Contribuição à crítica da economia política” (MARX, 2011), Émile Bottigelli revela que em 1842, ao estudar para a “Rheinische Zeitung” (Gazeta Renana) a legislação sobre roubos de lenha e a situação dos camponeses do Rio Mosela, que Karl Marx “foi levado a dar toda a devida importância às relações econômicas”. Segundo Bottigelli, Marx compreendeu que:

Não é a vontade dos homens que dá ao Estado sua estrutura, mas sim a situação objetiva das relações entre eles. Não é o aparelho jurídico que explica a sociedade burguesa, como queria Hegel; ele é apenas uma superestrutura e a sociedade burguesa encontra a sua explicação nas relações de propriedade. Esta idéia, que tomará forma na ‘Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel’, vai orientar suas pesquisas e, quando em 1844 chega a Paris, analisa as obras de economistas célebres, como Adam Smith, J.-B. Say, Ricardo ou Boisguillebert. (BOTTIGELLI; 2011, p. VII, grifo nosso)

Marx e a Economia Política

A trajetória do pensamento de Marx, observada em perspectiva, é fruto de um percurso acumulativo e progressivo, ainda que dialético. Há pouca instabilidade e a experiência da vida transparece claramente na obra. Nesse sentido, Bottigelli afirma, com ampla aceitação entre seus pares, que é ao estudar o caso dos camponeses do Rio Mosela, que Karl Marx se prepara para mergulhar de vez em seu trabalho de Economia Política. E em nota, complementa o argumento.

Numa carta a R. Fischer de 5 de abril de 1893, Engels escreveu: **“Sempre ouvi Marx dizer que foi precisamente ao ocupar-se da legislação sobre roubos de lenha e da situação dos camponeses do Mosela que, ultrapassando a política pura, descobriu a importância das relações econômicas e abordou o socialismo.”** (BOTTIGELLI, 2011, p. XXII)

0 método marxista

É mister, sem dúvida, distinguir, formalmente, o método de exposição do método de pesquisa. A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e perquirir a conexão íntima entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. **Se isso se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori.** (MARX; 2014, p. 28, grifo nosso)

Introdução à dialética marxista

Evidentemente, para Karl Marx e, antes, para Friedrich Hegel, era a dialética quem tensionava e diferia, ou, até mesmo, contrapunha, o método de exposição com o método de pesquisa. Como explica Cláudio Gontijo,

na exposição hegeliano-marxista, **o avançar é um retroceder ao fundamento**, ao originário e verdadeiro, do qual depende o princípio com o qual se começou e através do qual em realidade é produzido, de modo que se tem um **percurso circular em si mesmo**, em que o **Primeiro se transforma em Último e o Último se transforma em Primeiro**, ou seja, se chega afinal a um ponto que nada mais é que o seu ponto de partida: **a síntese final é também a tese inicial**.

Introdução à dialética marxista

De fato, a mesma progressão em círculo da análise ocorre quando se considera as sociedades de produção capitalista desenvolvidas, pois nelas, a mercadoria aparece tanto na qualidade de premissa (condição de existência) elementar e constante do capital, como, por outra parte, enquanto resultado imediato do processo capitalista de produção. **Em outras palavras, a mercadoria, na medida em que é forma elementar e geral do produto, aparece essencialmente como o produto e o resultado do processo capitalista de produção.** O alfa ressurgue por meio da mediação do ômega (GONTIJO, 2016, p. 243).

Introdução à dialética marxista

Resolvendo o paradigma:

Tensionando o argumento de Gontijo, o que diferencia a tese inicial (alfa) da síntese final (ômega) é que última é a primeira, **porém em outro estado de compreensão e expressão.**

A dinâmica do capitalismo

No Manifesto do Partido Comunista, no capítulo “Burgueses e proletários”, Karl Marx e Friedrich Engels afirmam, sobre a dinâmica do capitalismo: **“tudo o que é sólido se desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas”**. Para os autores, a dinâmica do capitalismo é a da contínua transformação, não só em relação ao passado feudal, mas também ao próprio capitalismo – que vive em mudança constante.

CARA, Daniel. Prólogo: **Tudo que parecia ser sólido se desmanchou no ar**. In: Cruz, Rosana Evangelista da; Silva, Samara de Oliveira. (Org.). Gestão da política nacional de educação: desafios contemporâneos para a garantia do direito à educação. 1ed.Teresina: EDUFPI, 2016, v. 1, p. 25-39.

A dinâmica do capitalismo

Por algum motivo desconhecido, todas as traduções para o português utilizam o tempo verbal do passado, tanto no Brasil quanto em Portugal: “**Tudo o que era sólido se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado (...)**”. Curiosamente, em inglês, todas as versões utilizam o verbo presente: “**All that is solid melts into air, all that is holy is profaned, and man is at last compelled to face with sober senses his real conditions of life, and his relations with his kind**”.

O verbo no presente é mais capaz de dar conta da preocupação de Marx: ***a dinâmica do capitalismo, que é ininterrupta, não deixa de se revolucionar.*** Em passagem imediatamente anterior à supracitada, os autores discorrem, na tradução consagrada pelo Partido Comunista Português (PCP):

A dinâmica do capitalismo

“A burguesia não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção, portanto as **relações sociais todas**. A conservação inalterada do antigo modo de produção era, pelo contrário, a condição primeira de existência de todas as anteriores classes industriais.

O permanente revolucionamento da produção, o ininterrupto abalo de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos distinguem a época da burguesia de todas as outras. **Todas as relações fixas e enferrujadas, com o seu cortejo de vetustas representações e intuições, são dissolvidas, todas as recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se.**”



Circuito conceitual

Em sociedade, mulheres e homens produzem as condições materiais de sua existência.



Mercadoria: é forma que os produtos (e/ou serviços) tomam quando a produção é organizada por meio de troca.





O conceito de valor e os conceitos de trabalho

O valor é uma medida de trabalho.



Valor de uso: qualidade da mercadoria;

Valor de troca: propriedade da mercadoria de ser permutada, intercambiada.



O conceito de valor e os conceitos de trabalho

Pergunta: se o **valor de uso** é subjetivo e **valor de troca** é objetivo, **o que define a equivalência entre valores de troca?**

Sendo as mercadorias **heterogêneas**, tanto em propriedades físicas quanto naturais, **qual é a propriedade homogênea que permite que elas sejam trocadas?**

É o fato delas serem fruto do **trabalho**.

O valor é resultado do trabalho humano

O conceito de valor e os conceitos de trabalho

O trabalho homogêneo - que produz mercadorias - é o **trabalho abstrato**.

Em termos gerais, trabalho é toda e qualquer atividade que visa a um determinado fim.

Para o Marx há o **trabalho concreto** e o **trabalho abstrato**.

Eles são a mesma coisa, mas devem ser consideradas em seus aspectos diferentes.

O conceito de valor e os conceitos de trabalho

“Todo o trabalho é, por um lado, dispêndio, no sentido fisiológico, de força humana, e é nesta qualidade de trabalho igual, [abstracto,] que ele constitui o valor das mercadorias. Todo o trabalho é, por outro lado, dispêndio da força humana sob esta ou aquela forma produtiva, determinada por um objectivo particular, e é nessa qualidade de trabalho concreto e útil que ele produz valores-de-uso ou utilidades.”

A peculiaridade do trabalho

É apenas no processo de troca que os trabalhos concretos (heterogêneos) se tornam abstratos (homogêneos). É aí que o trabalho se revela como trabalho social.

Trabalho abstrato é sinônimo de **trabalho socialmente necessário**. É a substância do valor e sua medida se faz em unidades de tempo.

Trabalho concreto produz valor de uso.

Trabalho abstrato (tempo de trabalho incorporado, objetivado, universalizado) produz valor.

A mercadoria possui valor de uso e valor.

Valor de troca é a aparência do valor.

E a mercadoria-dinheiro é o que determina o padrão de preço.



Conclusão sobre o trabalho



“O tempo socialmente necessário à produção das mercadorias é o tempo exigido pelo trabalho executado com um grau médio de habilidade e de intensidade e em condições normais, relativamente ao meio social dado.”



Fetichismo da mercadoria

CARA, Daniel. **O fenômeno de descumprimento do Plano Nacional de Educação.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação – USP, 2019, pp 39-40.

Isaak Illich Rubin, em seu livro “A teoria marxista do valor”, afirma que a teoria do fetichismo da mercadoria de Karl Marx poderia ser chamada “com maior exatidão de teoria geral das relações de produção na economia mercantil-capitalista” (RUBIN, 1987, p. 16), o que a elevaria à condição de teoria geral da sociedade.

Fetichismo da mercadoria

O fetichismo da mercadoria é o fenômeno em que as mercadorias aparentam ter uma vontade e uma identidade independente de seus produtores. Lembra o **feitico**, no sentido de que ele é a qualidade de uma coisa inanimada possuir poderes humanos, ter vida própria. No caso, o fetichismo da mercadoria é uma relação social entre pessoas mediatizada por coisas, as próprias mercadorias. O resultado é a aparência de uma relação direta entre as coisas e não entre as pessoas. **As pessoas agem como coisas e as coisas, como pessoas.**

Fetichismo da mercadoria

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre produtores do seu próprio trabalho. (...) Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma **fantasmagórica** de uma relação entre coisas. (MARX, 2014, p. 94)

Fetichismo da mercadoria

Porém, Marx apressa-se a assinalar que essa aparência das relações entre mercadorias como uma relação entre coisas não é falsa.

Em outras palavras, os trabalhos privados atuam como partes componentes do conjunto do trabalho social, apenas através das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, entre os produtores. Por isso, para os últimos, as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem de acordo com o que realmente são, como **relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas**, e **não como relações sociais diretas entre indivíduos em seus trabalhos**. (MARX, 2014, p. 95, grifo nosso)

Fetichismo da mercadoria

E em complemento, para Ben Fine,

o fetichismo da mercadoria é o exemplo mais simples e universal do modo pelo qual as formas econômicas do capitalismo **ocultam** as relações sociais a elas subjacentes, como, por exemplo, quando o capital, como quer que seja entendido, e não a mais-valia, é tido como fonte de lucro. **A simplicidade do fetichismo da mercadoria faz dele um ponto de partida e uma boa referência para a análise das relações econômicas. Sua análise estabelece uma dicotomia entre a aparência e a realidade ocultada (sem que a primeira seja necessariamente falsa)** (FINE, 2012, p. 222).

Fetichismo da mercadoria

O fetichismo da mercadoria é a maior expressão da dialética marxista.

A tese de que no capitalismo a permuta é estabelecida entre mercadorias por seus valores de troca, o que inclui a mercadoria “dinheiro”, é negada pela antítese: esse “fantasmagórico” intercâmbio entre coisas **oculta** as relações sociais de produção que geraram a própria mercadoria. Contudo, a síntese avança, e Marx, retomando com outro grau de maturidade a tese inicial conclui: **as trocas, de fato, se expressam no escambo entre mercadorias**. Por sua vez, isso incide na forma como se dão as relações sociais, sendo o capitalismo, essencialmente, relações sociais.

The background features several decorative red elements: a vertical bar at the top left, a horizontal line at the top center, a horizontal dotted line at the top right, a horizontal dotted line at the bottom left, a horizontal dotted line at the bottom right, a small square at the top left, a small square at the top right, a small square at the bottom left, a small square at the bottom right, a small square at the bottom right, and a small square at the bottom right.

O modo de produção capitalista e a exploração - Marx

Pressupostos

- Mercadoria
- Valor de uso (trabalho concreto)
- Valor (trabalho abstrato)
- Valor de troca
- Fetichismo da mercadoria

Circuito de conceitos

Demonstração indutiva do trabalho como criador de valor:

- A divisão social do trabalho;
- A impossibilidade de o homem produzir sua existência diretamente;
- A produção indireta: produção para o consumo e produção para a troca (Ex. da troca de calçados por trigo)
- A aplicação dos conceitos de valor de uso - trabalho concreto, valor -trabalho abstrato;
- A questão da **IGUALAÇÃO do valor**;
- Em última instância, trata-se da superação dos problemas decorrentes do fato de o homem ter de produzir sua existência indiretamente (divisão social do trabalho).

Circuito de conceitos

Evolução histórica do dinheiro:

1º momento: Escambo – Mercadoria por Mercadoria

2º momento: Moeda heterogênea – Mercadoria

- sal, gado
- problemas: diversidade, divisibilidade, porte

3º momento: Ouro e prata como meios de troca

- os riscos: perda, roubo

Circuito de conceitos

4º momento: o crédito

- separação no tempo entre a troca e seu pagamento
- notas promissórias, letras de câmbio
- a transação com essas notas promissórias, sua utilização como meio de troca

5º momento: cunhagem de moedas de metal (ouro e prata)

- início: optativa
- depois: monopólio do Estado
- riscos das moedas de metal: adulteração, desgaste

6º momento: papel-moeda

- inicialmente: lastro em ouro
- depois: desvinculação do lastro ouro

A fórmula universal do capital

M = mercadoria

D = mercadoria dinheiro

“A circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital. A produção de mercadorias e a circulação desenvolvida de mercadorias, o comércio, constituem os pressupostos históricos em que aquele surge. Comércio mundial e mercado mundial abrem no século XVI a moderna biografia do capital.”

A fórmula universal do capital

Primeira fórmula básica da troca: $M - D - M$

Segunda fórmula básica da troca: $D - M - D$

Capital mercantil: $D - M - D'$, sendo $D' > D$. Ou seja, comprar para vender mais caro.

Capital industrial: $D - M - D'$, como surge D' ?

A fórmula universal do capital

Circulação simples: M-D-M.

- Objetivo: valor de uso como igualdade de valor

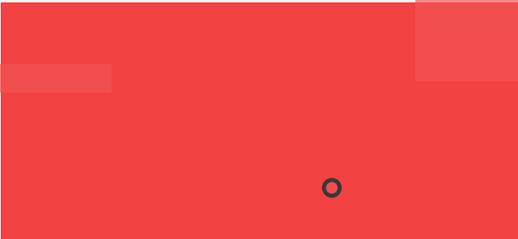
Circulação capitalista: D-M-D -> D-M-D'

- Objetivo: alcançar o maior valor de troca, como resultado do mais-valor
- Força de trabalho (valor de uso, valor e valor de troca)
- *Trabalho necessário e trabalho excedente não pago*
- *Mais-valia*



O processo de trabalho

“O uso da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho consome-a na medida em que faz trabalhar o seu vendedor.”



0 processo de trabalho

Meios de produção:

1) objetos de trabalho e

2) instrumentos de trabalho;

Força de trabalho

Composição do Capital

$$K = C + V$$

K = Capital

C = Capital constante – meios de produção

V = Capital variável – começa como trabalho necessário, encerra com o trabalho excedente

Trabalho necessário: trabalho equivalente ao salário

Trabalho excedente: trabalho usufruído pelo capitalista

Taxas

Taxa de mais-valia = Horas remuneradas despendidas trabalhando para o capitalista (trabalho excedente)/horas remuneradas trabalhando para consumo pessoal (trabalho necessário)

Taxa de mais-valia = Horas remuneradas despendidas trabalhando para o capitalista (trabalho excedente) convertidas em moeda / horas remuneradas trabalhando para consumo pessoal (trabalho necessário) convertidas em moeda

$$T_{mv} = h_{Kl} / h_{Tc}$$

Extração da mais-valia absoluta: aumento do valor total produzido pelo trabalhador sem alteração do montante do trabalho necessário (salário) – jornada de trabalho X saúde

Extração da mais-valia relativa: redução do tempo de trabalho necessário (inovações tecnológicas)

Concorrência reduz taxa de lucro;

$$\text{Taxa de lucro} = \text{mais-valia} / C + V$$

Subsunções

Formal: a subordinação formal do trabalho ao capital - processo em que acontece a subsunção do trabalho ao processo de valorização do capital por meio da extração predominante da mais-valia absoluta.

Real: resultado do incremento da maquinaria e ciência no modo de produção capitalista – mais-valia relativa.

Exploração

- Nem toda relação de exploração ocorre sob o modo de produção capitalista-industrial;
- Nem todo trabalho assalariado é explorado segundo o modo de produção capitalista.

Teoria do valor e a educação

Lev Vygotsky (1896-1934), Alexander Romanovich Luria (1902-1977), Alexei Leontiev (1903-1979), Anton Makarenko (1888-1939) e **Vitor Henrique Paro**

Trabalho: educadores e educandos – relação de ensino-aprendizagem. Relação dialógica (Paulo Freire).

Processo de produção: educadores utilizam instrumentos de trabalho para formação plena dos educandos (objetos de trabalho), **contudo ambos são sujeitos** (relação dialógica).

Educação deve servir à consciência plena. É exercício do poder e deve preparar ao exercício do poder.

ATENÇÃO

Marx não previu a *maleabilidade*
ou *adaptabilidade* do
capitalismo.